

Os editores de revistas científicas brasileiras e de toda a América Latina tem sobre a mesa de cabeceira o artigo *The Lost Science in the Third World*, publicado em *Scientific American* **1995**, 273, pgs. 76 a 95, por W. W. Gibbs. Neste artigo, Gibbs mostrou as principais razões porque os editores do Terceiro Mundo não conseguem manter a periodicidade de suas revistas e que, por isto, são desindexadas do *Institute for Scientific Information (ISI)*, nas raras vezes que a indexação acontece. Duas razões, entre muitas outras, se destacam:

- 1 - A preferência dos autores em publicar seus artigos nas revistas científicas do Primeiro Mundo, estimulado, inclusive, pelas agências de fomento à pesquisa científica de seus países.
- 2 - A falta de financiamento regular para a manutenção das revistas.

A barreira da periodicidade foi ultrapassada há muito tempo pelo *Journal of the Brazilian Chemical Society*. Esse não é mais o calcanhar de Aquiles do *JBCS*, cada vez mais prestigiado pela comunidade química brasileira. Os recursos do CNPq e da FAPESP, embora limitados, têm sido suficientes, até o momento, para a publicação da revista.

Outra barreira, também vencida pelo *JBCS*, foi a do fator de impacto. Sem querer entrar no mérito da consistência deste indicador, mesmo que a CAPES o utilize para avaliar e conceituar Programas de Pós-Graduação, o fator de impacto do *JBCS* é o maior de todas as revistas científicas da América Latina.

Agora, a espada de Dâmoicles sobre a cabeça dos editores brasileiros é a possibilidade das agências de fomento não financiarem, como fizeram até agora, as revistas impressas, sob a alegação de que os títulos eletrônicos aliam maior agilidade à redução de custos com papel, impressão e distribuição. É verdade que não se pode mais admitir que as publicações científicas continuem sendo um grande negócio comercial como o que vem sendo praticado pelas grandes editoras. Por outro lado, não

convence a idéia de uma alternativa como a *Public Library Science (PLOS)*, <http://www.publiclibraryofscience.org> ou biblioteca pública de ciência, que nada cobra para ser lida, mas que cobra aos autores USD 1.500,00 por artigo publicado.

Apesar da idéia de abolir as publicações impressas ser sedutora para países como o Brasil, que já dispõe do portal, gratuito, SciELO, <http://www.scielo.br>, mantido pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, é muito prematuro se abrir mão de uma revista impressa como o *JBCS* - que já oferece acesso livre na internet através do portal SciELO e da página <http://jbc.sbq.org.br> - transformando-a exclusivamente em eletrônica. Mesmo que isso possa vir a acontecer, este certamente ainda não é o momento. Até lá, alguém tem que arcar com os custos da publicação da revista.

Diante desse quadro, os editores do *JBCS* convocam a comunidade química brasileira a ir, gradualmente, assumindo a co-responsabilidade de publicação do *JBCS*. Uma das maneiras possíveis é fazer uma contribuição de publicação, a exemplo do que acontece, por exemplo, com algumas revistas da *American Chemical Society*. O primeiro grande passo para facilitar a contribuição já foi dado pelas agências, quando a FAPESP instituiu a reserva técnica que permite aos pesquisadores pagarem por suas publicações, e pelo CNPq que introduziu as taxas de bancada para seus bolsistas de pós-graduação e a bolsa prêmio para os seus bolsistas de produtividade nível 1. A liberdade para gastar os recursos do CNPq permite que qualquer pesquisador ou pós-graduando possa contribuir financeiramente na publicação de seus artigos.

Os editores do *JBCS* reafirmam, no entanto, que a publicação na revista não está condicionada a qualquer pagamento da taxa de publicação, mas sim a qualidade e relevância dos artigos submetidos. As contribuições serão voluntárias.

Angelo C. Pinto e Jailson B. de Andrade